



PSICANÁLISE

Fabio Herrmann

O que é Psicanálise

Para iniciantes ou não...

Blucher

O QUE É PSICANÁLISE

Blucher

O QUE É PSICANÁLISE
para iniciantes ou não...

Fabio Herrmann

O que é psicanálise: para iniciantes ou não...

1ª a 12ª edições: Editora Brasiliense

13 edição: Editora Psiqué

14ª edição – Editora Edgard Blücher Ltda.

© 2015 Leda Herrmann

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 5. ed. do Vocabulário
Ortográfico da Língua Portuguesa,
Academia Brasileira de Letras, março
de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios, sem autorização
escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

FICHA CATALOGRÁFICA

Herrmann, Fabio

O que é psicanálise: para iniciantes ou
não... / Fabio Herrmann. – 14. ed. – São
Paulo: Blucher, 2015.

14. ed. revista

ISBN 978-85-212-0931-7

1. Psicanálise I. Título

15-0738

CDD-150.195

Índices para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Em se Tratando de Psicanálise...	7
1. O Momento da Psicanálise	11
2. O Método da Psicanálise	21
3. O Inconsciente	33
4. O Aparelho Psíquico	47
5. O Desenvolvimento Psicosexual	61
6. A Sexualidade	73
7. Psicopatologia	87
8. A Cura Psicanalítica	101
9. A Psique do Real	109

Em se tratando de Psicanálise...

Este livrinho – como passou a ser carinhosamente chamado pelos colegas e amigos que o utilizavam em suas aulas nos cursos de graduação em Psicologia – experimentou um percurso muito interessante. Foi escrito por Fabio Herrmann em 1983, atendendo ao convite de Caio Graco, que pouco antes criara a coleção Primeiros Passos. Já na 3ª edição, não era difícil prever que o livrinho seria usado no ensino da Psicanálise, como de fato ocorreu em faculdades de Psicologia e de Medicina, nas cadeiras relacionadas à psicologia médica. Afinal era o livro se impondo como facilitador na compreensão da Psicanálise nesses cursos introdutórios e, penso, por sua qualidade de não ser um mero manual e por trazer um pensamento psicanalítico vivo e original. Em contrapartida, o autor, na época da primeira edição, ainda não estava envolvido com o ensino universitário.

Após a morte prematura de Caio Graco, nova aventura se anunciava. O livro esgotara-se, mas continuava a ser indicado por professores. Os alunos usavam fotocópias. Estávamos em fins dos anos 1990, o círculo de influência de Fabio como autor psicanalí-

tico crescera e surgiu a ideia de preparar uma edição revista e ampliada do livrinho, agora em uma edição quase caseira, financiada principalmente pelo autor, sem o número ISBN (*International Standard Book Number*), que identifica o livro internacionalmente.

Complicações editoriais com os previsíveis prejuízos de distribuição à parte, a nova versão de *O Que é Psicanálise. Para iniciantes ou não...*, em sua 13ª edição, não encalhou nas prateleiras, nem comerciais nem domésticas. E até o fim da vida Fabio foi instigado a voltar com o título para o mercado editorial tradicional. Nove anos após sua morte, o momento chegou, com a Editora Blucher atendendo aos muitos apelos que chegavam a mim e aos colegas mais próximos ao pensamento da Teoria dos Campos.

O Que é Psicanálise. Para iniciantes ou não... é um livro psicanalítico, de Psicanálise e sobre Psicanálise, informação que se concentra em seu subtítulo – *Para iniciantes ou não...* É também um livro introdutório à Psicanálise. Da primeira versão para esta, ele beneficiou-se da sistematização que o pensamento psicanalítico do autor – a Teoria dos Campos – adquiriu desde a publicação da primeira versão até a data dessa edição ampliada.

Assim, me parece, tomou a característica de seu subtítulo. Ele apresenta a Psicanálise a quem se inicia em seu estudo e, além disso, apresenta aos já não iniciantes, um pensamento psicanalítico original e nacional, brasileiro. Penso que isso não é um fator complicador para os iniciantes, e talvez vantajoso aos já iniciados por terem certo domínio da Psicanálise, tanto a da criada por Freud como aquela desenvolvida pelos psicanalistas de gerações posteriores.

É claro que essa característica está presente ao longo de todos os seus capítulos. Posso, no entanto, destacar dois capítulos que

para mim dirigem-se principalmente aos iniciantes: “O aparelho psíquico” e “O desenvolvimento psicosexual”, que apresentam principalmente a construção teórica empreendida por Freud para os primeiros “objetos teóricos” da Psicanálise. Mesmo aí, há uma advertência do autor quanto à própria questão da especificidade da teoria em Psicanálise, uma questão epistemológica a que Fabio se dedicou na construção de sua obra. Assim, por exemplo, no início de “O aparelho psíquico”, antes de descrever essa ficção teórica freudiana, Fabio adverte:

Ao se referir ao aparelho psíquico, Freud escreveu certa vez: “a ficção de um aparelho psíquico”. Ele tinha clara a ideia de que o esquema que montara era um modelo, e não um aparelho. Um jogo de armar, mas que jogo! Como ficção é tão bem montada que muitas pessoas jurariam que é a pura verdade. E, em certo sentido, o é.

Trata-se de um aviso ao iniciante para que tenha a cautela de não tomar como descrição de fato aquilo que a teoria especula. Nossas teorias são modelos para pensar a psique, porém, não a descrevem – o que ainda é uma missão impossível.

Outros capítulos são formulações da Teoria dos Campos; novas descobertas psicanalíticas, também podemos dizer. É dessa forma que compreendo os capítulos: “O momento da psicanálise”, “O método da psicanálise”, “A sexualidade”, e “A psique do real”. Outros, ainda, combinam a característica de se dirigir a principiantes ou não. Diria que “O inconsciente”, “Psicopatologia” e “A cura psicanalítica” descrevem as elaborações freudianas e de outros autores, ao mesmo tempo em que acrescentam contribuições do pensamento original de Fabio e que às vezes dão o tom do capítulo.

A última consideração, seguindo o dito inglês *last but not least*, ressalta outra qualidade do livro, o estilo de escrita. Fabio é um autor erudito e de difícil compreensão tanto para o leitor comum como para o sofisticado. É um autor que não faz questão de se explicar, pois como pensador está mais interessado em dar à luz da escrita a seus achados e construções no âmbito do conhecimento psicanalítico. Usa uma linguagem mais coloquial, no “estilo de uma história contada a um menino”.

Tendo acompanhado o nascimento do pensamento psicanalítico da Teoria dos Campos e na condição de sua herdeira desde julho de 2006, é com grande alegria que saúdo esta nova edição de *O Que é Psicanálise. Para iniciantes ou não...* Agradeço à Editora Blucher pela iniciativa de trilhar o caminho desta aventura editorial que não é nova, mas é agora retomada.

Leda Herrmann

Junho 2015

1. O momento da Psicanálise

Os seres humanos são pessoas muito estranhas e absurdas. Se você já os percebeu, acho que andou a terça parte do caminho para se tornar psicanalista. O segundo terço do caminho consiste em aprender algumas coisas: a teoria, a técnica e o método psicanalíticos, de que vou lhe falar um pouco neste breve livro. Quanto à última e mais difícil etapa, que é a de você mesmo descobrir que é também uma pessoa estranha e absurda, ou seja, que é um ser humano, lamento não poder ajudá-lo a percorrê-la, pelo menos escrevendo: talvez fosse preciso fazer análise.

Mas, como estava dizendo, as pessoas são estranhas e absurdas. Enquanto outros bichos têm relativamente pouco trabalho em construir sua residência, porque parecem satisfeitos com o mundo que encontram – o que os cientistas chamam de *sistemas ecológicos* –, os homens têm passado seu tempo tentando construir uma casa para si, dedicando a isso um trabalho insano, sem nunca ficarem contentes com o resultado. Criaram instrumentos de osso e de eletricidade; domesticaram as plantas, os primos animais e até seu próprio “pensamento selvagem”; edificaram cidades, sistemas filo-

sóficos, ciência e tecnologia. Fizeram de tudo para ter um mundo sob medida, quer dizer, um mundo na medida humana.

Mas não desprezemos os homens por causa disso. Coitados, eles talvez não tivessem outro jeito de sobreviver! Em primeiro lugar, os bebês humanos nascem e, por longo tempo depois, são muito indefesos, inaptos para a vida, não conseguem comida sozinhos, não sabem se proteger do frio, queimam-se com a própria urina etc. Logo era mesmo necessário viver em grupo, construir abrigo e um sistema social. Por outro lado, os homens divertem-se demais com os próprios pensamentos. São os únicos bichos, ao que se sabe, tão estúpidos que podem ficar imaginando e esquecer-se de comer; e, o que é pior, quando pequeninos e famintos, parece que conseguem ficar sonhando que estão comendo e contentam-se por algum tempo com isso – coisa a que os psicanalistas chamam de satisfação *alucinatória do desejo*. Alguns talvez até morram de fome, sonhando, sonhando. Por fim, enquanto os animais ferozes quase nunca matam os de sua espécie – *inibição da agressividade intraespecífica*, é o nome que os estudiosos do comportamento animal (ou etólogos) dão a essa prova elementar de sensatez –, os homens chegam a gostar de fazê-lo. E se você acha que isso é coisa de selvagens primitivos, que a civilização superou, veja o que diz o Prefácio da peça *Santa Joana*, do escritor irlandês Bernard Shaw: “Não era possível persuadir os nativos das Ilhas Marquesas de que os ingleses não houvessem comido Joana D’Arc. Para quê, perguntavam, alguém se daria ao trabalho de assar um ser humano, não fora por essa razão? Eles não tinham ideia de que isso pudesse ser um prazer...” Para sobreviver, então, ou pelo menos para poderem se escravizar e matar civilizadamente, foi preciso que os homens domesticassem a natureza.

Por que, entretanto, esse trabalho não tem fim nem é considerado satisfatório? Bem, você provavelmente já mudou de casa

algumas vezes. De cada vez, a casa era perfeita, não é verdade? Construída sob medida para o desejo de sua família, com tantos quartos, garagens e televisores quantos bastassem para fazê-los felizes. Porém, quando lá iam morar, descobriam que ainda não estavam satisfeitos nem felizes. Mudavam, então, reformavam a casa ou compravam um computador mais poderoso; e, insatisfeitos ainda, tornam a mudar ou instalam um sistema multimídia integrado, com periféricos pela casa toda. Se esta é sua história habitacional, não culpe a si e nem mesmo seus pais: culpe a casa e você estará em harmonia com o resto da humanidade.

É que a casa que construíram, como a grande casa que a humanidade vem construindo para si própria, representa muito bem a realização de seu desejo. Ora, o problema é que nós não desejamos o que queremos, tampouco ficamos satisfeitos de encontrar o que desejamos. Na verdade, nós, humanos, não sabemos bem o que desejamos.

Veja um exemplo. Antes de qualquer coisa, somos aquilo que desejamos ser. É fácil entender, já que *desejo* é o nome daquilo que faz com que a gente pense, faça e seja o que é. Ele parece vir de dentro da alma, mas é criado na vida biológica e social, no *real*, como veremos no último capítulo, de sorte que se pode dizer até que “somos desejados” desta ou daquela maneira. Somos desejados ativos ou entediados, cruéis ou compassivos, apavorados ou distraídos. A humanidade deseja-se como é; e, dizia, constrói-se e constrói o seu mundo de acordo com tal desejo. Só não acredita em absoluto que, de fato, se tenha desejado como é. Assim, tendo transformado o mundo a fim de lhe servir de casa, acha que ainda não está bem-feito, que sobram muitas coisas desumanas a humanizar. O céu é muito alto; o tempo é longo demais; as guerras, muito frequentes. Claro que se o tempo e o espaço são por demais infinitos, é que os homens têm em si uma aspiração em desacordo com seu tamanho e duração de vida. Quanto às guerras, quem as faz?

Numa palavra, ao domesticar o mundo, os homens irritam-se vendo que construíram uma casa que os retrata maravilhosamente bem, que exprime seu desejo, tanto naquilo de que gostam como naquilo que odeiam – criticam esta última parcela de seu desejo como desumana, dizem que não é deles, que é um resto de absurdo a ser dominado.

Por esse motivo, talvez, a construção do mundo humano tenha se ultrapassado. Você já viu alguém fazer uma lição com má vontade, pensando que a quer realmente fazer bem. Aparecem erros a cada linha, manchas de tinta, lapsos de português, e o estudante começa a escrever obsessivamente, errando e corrigindo errado. De forma análoga, a espécie humana adquiriu uma estranha obsessão de domesticar, familiarizar, educar. Se seus pais assim o educaram, você provavelmente será exatamente como eles o desejavam; no entanto, tanto eles como você mesmo terão a impressão de que tudo saiu às avessas, pela simples razão que ambas as partes ignoram o modelo impresso e não o reconhecem no produto acabado. Domesticar significa adaptar-se às normas da casa (que em latim se diz *domus*); familiarizar significa tornar algo familiar, da família. Como os homens se negam a admitir grande parte de seu desejo, quanto mais doméstico e familiar vai ficando o mundo que constroem, mais estranho e desumano lhes parece. Desumano, que calúnia!

Sucedeu, então, que este grande projeto de construir um mundo segundo a medida humana, que é, na origem, o de todas as culturas, acelerou-se subitamente e especializou-se além da conta, vindo a ocupar o mundo inteiro em seguida. Uma das estratégias parece haver dominado todas as outras; e, não tendo contra quem competir, pôs-se a tentar ser mais veloz que a própria sombra. Nem é preciso dizer-lhe que essa maneira dominante é a civilização tecnológica ocidental, que se vale de uma racionalidade exa-

cerbada, de medições e de cálculo, das Ciências Naturais, tendo a Física por modelo, e de uma tecnologia que se desenvolve de forma rápida, justamente para evitar que a gente se pergunte para que serve, ocupados que estamos em absorvê-la. Quanto à sombra, é o que veremos adiante.

Por enquanto, basta observar que o mundo onde vivemos, sobretudo nas grandes cidades, tornou-se tão construído, tão fabricado, que uma crise muito curiosa se desencadeou. As pessoas começaram aos poucos a duvidar de que o lugar onde vivem seja mesmo real. Antes, quando o contato com a natureza era mais estreito, nos velhos e bons tempos em que qualquer criança podia ver, digamos, uma vaca ser ordenhada, a sensação de realidade vinha diretamente desse tipo de experiência natural; podia-se dizer: real como uma pedra ou como uma árvore... De repente, os fatos começaram a vir pelos jornais; depois, pela televisão; depois, pela internet, e você tem de se perguntar, a cada momento, se o que ouve e vê é fato, se é uma interpretação ou se é uma tentativa de enganá-lo. Quer dizer, a realidade começou a perder credibilidade e, no fim do século XX, já nos conformamos a acreditar que toda realidade seja tão somente uma prodigiosa imagem virtual. Alguns até se divertem com isso e ficam felizes em acreditar que, por trás da realidade, não exista nenhuma representação real, mas só imagens ou imposturas. Até que descubram que nem eles mesmos existem, mas apenas seus disfarces.

As máquinas funcionam hoje quase como gente; as pessoas, quase como máquinas. A cada ação que você pretende executar, fica sempre a dúvida se não está servindo a um propósito que ignora e que talvez ache abominável. Será que a ideia é sua ou foi-lhe implantada pelos noticiários? Se você quer ser original, se quer recusar tudo o que está por aí, acabará provavelmente descobrindo que faz parte de uma indústria da originalidade, usando o uniforme de original que a propaganda impôs a metade do mundo.

Pois bem, a ruptura com a natureza e a industrialização excessiva da nossa vida cotidiana constituem exatamente o êxito completo da construção da casa dos homens. Mas o homem mesmo não se sente à vontade na casa que criou. Esse retrato de si, que vê no seu mundo, parece-lhe absurdo. Ele se pergunta: “Sou assim?”. E responde: “Claro que não; ainda falta dominar, organizar e calcular uma derradeira área, a mente humana”.

Veja que estranho. A loucura do nosso mundo é simplesmente o resultado direto da maneira pela qual o construímos. Porém, preferimos dizer que essa espécie de sombra, a irracionalidade das relações entre os homens e a irrealidade do mundo cotidiano, é produto de outra coisa, não da razão, mas sim da falta de razão, da loucura. Destarte, lá pelos fins do século XIX fez-se um grande esforço para compreender a loucura, medi-la, dividi-la em tipos e explicá-la cientificamente.

No começo isso não deu muito resultado, apesar de originar uma classificação das doenças mentais que até hoje é bastante útil. Todavia, em matéria de cura, houve pouco avanço naquele tempo. Principalmente a loucura do dia a dia permanecia inexplicável e incurável.

E foi assim que nasceu a Psicanálise. O método científico das Ciências Exatas teve de pedir ajuda a uma espécie de primo pobre: o método interpretativo. Só a interpretação era capaz de abarcar os sonhos, as emoções, a loucura etc. Até aí, tudo bem. Entretanto, ao procurar elucidar a loucura – domínio que se lhe havia concedido –, o método interpretativo acabou tendo de ir longe demais, ao descobrir que aquilo que não parecia ser loucura, a vida comum, não era também muito diferente. As mesmas regras que dão sentido à vida cotidiana aparecem na loucura. A diferença é só esta: o que o cotidiano esconde, a loucura faz questão de mos-

trar. Este é o sentido de afirmar que o cotidiano esconde a loucura e também de a temermos tanto: ela desenterra as raízes de nossa pacata existência.

Quando Sigmund Freud, o inventor da Psicanálise, descobriu esta embaraçosa verdade, talvez pensasse estar completando o projeto do conhecimento ocidental, levando-o a seu termo, quando, na verdade, já abalara seu mais prezado fundamento: a cuidadosa distinção entre razão e loucura. Posto em movimento, o método interpretativo não se soube deter, nem é bom que se detenha, como veremos no próximo capítulo, que trata do método da Psicanálise.

Tudo se passa como num conto de fadas, quando, depois de chegar ao limite da desventura, a princesa, que se tivera de cobrir de uma pele de burro – como no Conto de Perrault –, recebe o príncipe e o reino; ou quando, depois de gozar da maior felicidade, um homem cai em desgraça ao abusar um tantinho a mais da sorte. Esta é uma boa amostra do que se poderia chamar de *princípio do absurdo*: quando algo chega ao limite e ultrapassa-o, revela seu contrário. Em nosso caso, o projeto científico de tornar bem racionais as coisas todas, quando pretendeu dominar a franjinha que faltava, a loucura, criou um instrumento capaz de entender e curar a loucura, é certo, mas que, com ela, evidencia irracionalidade e loucura em tudo o mais, onde não se suspeitava que houvesse. A história das ideias é assim: irônica e, às vezes, vingativa. Vingança foi fazer ver ao homem que, no desconhecimento de seu próprio desejo, criava o que queria e o que não queria de uma só vez, sendo, portanto, absurdo para si mesmo quando ele pretendia erradicar os restinhos de absurdo e loucura de seu mundo.

Mas não fique decepcionado demais com o conhecimento científico. As coisas não poderiam mesmo passar de modo diverso. As ciências são um espelho da condição humana, isto é, do desejo.

O princípio do absurdo é a própria forma pela qual se manifesta o desejo e é o único jeito de ele se realizar. Esse princípio, em sua formulação mais geral, afirma que, realizado, todo desejo se mostra profundamente indesejável, se você me entende. Assim, nunca nos damos conta, feliz ou infelizmente, que conseguimos exatamente o que desejávamos. As histórias infantis servem para ensinar isso. Você se lembra daquela em que um camponês, a quem se facultam três desejos, pede uma linguça, depois que a linguça se dependure no nariz da mulher que o critica por seu mesquinho pedido, e, no fim, tem de gastar o último pedido para fazer sumir a inoportuna linguça? Não lhe parece este um bom resumo da história humana? Por sorte, não temos direito a três desejos, mas a um Desejo só...

A propósito, a atmosfera de conto de fadas deste capítulo não para aí. Unicamente nas histórias infantis é que uma pessoa isolada inventa algo que modifica o mundo, e o faz quase sozinho. Nossa ciência, a Psicanálise, por azar, sugere que o impossível aconteceu. Com efeito, Freud, praticamente só, inventou um método para interpretar o lado irracional da mente, ou melhor, o lado que obedece a regras de uma lógica diferente daquela da consciência. Digo *por azar* porque isso aumenta muito a dificuldade que nós, psicanalistas, temos em continuar e, eventualmente, vir a superar sua obra. Parece que a maioria dos grandes psicanalistas está quase sempre tendo que começar de novo: selecionam algumas das teorias de Freud e proclamam que aí está a chave da Psicanálise. É que o método psicanalítico, como veremos a seguir, está tão aparentado ao princípio do absurdo que se torna, ele mesmo, indesejável.

É claro que Freud não estava interessado, originalmente, em denunciar toda a loucura da crise do real de que há pouco lhe falava. Como médico honesto que era, queria curar doenças. Foi assim que se dedicou a tratar doentes histéricos – pessoas que sofriam de ataques de angústia, de paralisias, de dores e de outros sintomas

parecidos, sem causa orgânica. Pode-se dizer que, ao tentar fazê-lo, foi como se puxasse o gatilho do princípio do absurdo, pois dos sintomas histéricos teve de passar aos sonhos, dos sonhos aos atos falhos – esses escorregões de linguagem, tão inoportunos, que nos fazem dizer a verdade quando não queremos – e daí à totalidade da vida mental, como veremos.

Por ora, apenas desejo que você guarde a ideia central. O mundo edificado por nossa cultura humanizou-se tanto, no sentido de ser tão humanamente fabricado, que sua sombra, o lado desconhecido do desejo humano, acabou por aparecer mais do que devia. A realidade tornou-se um tanto duvidosa e o homem vê-se hoje, malgrado seu, cada vez mais absurdo para si próprio.

Mas, se a Psicanálise foi inventada por uma pessoa chamada Freud, no fim do século XIX, em Viena, a *ideia psicanalítica* – isto é, o método interpretativo – não foi inventada por ninguém. Ela era a resposta certa para o problema da loucura de nosso tempo. Quando o momento estava maduro, saiu do lugar onde estava guardada – na Literatura, na Filosofia e em especial nessa espécie de filosofia primitiva universal a que se costuma chamar de *animismo* –, no meio do grande armazém em que se empilham as ideias recusadas numa dada época (a época científico-tecnológica, em nosso caso), para vir habitar a ciência que Freud fundou. A missão de nosso método, portanto, é apresentar ao homem o absurdo que o constitui e, se possível, ajudá-lo a reconciliar-se com ele: com o absurdo, consigo mesmo.

